

OS GREGOS NO ADRIÁTICO
THE GREEKS IN THE ADRIATIC SEA

Maria Paola Castiglioni

Vol. XV | n°29 | 2018 | ISSN 2316 8412



Os Gregos no Adriático

Maria Paola Castiglioni¹

Tradução de Lidyanne Carderaro²

Revisão técnica de Airton Pollini e Fábio Vergara Cerqueira

Resumo: Situado no cruzamento entre as penínsulas Balcânica e Italiana, e conectando os espaços mediterrânicos das regiões da Europa central e setentrional, o mar Adriático experimentou uma importante presença grega a partir de pelo menos meados do século IX a.C. Atraídos pelas oportunidades comerciais às quais os litorais desse mar davam acesso, os gregos, no entanto, raramente se instalaram de forma permanente em estrutura de *apoikia*. Através de uma apresentação sintética, esta contribuição visa a pôr em evidência como a "mobilidade" grega nesse mar está inserida nos contextos históricos mais vastos e complexos (a "tirania" de Periandro, os projetos hegemônicos de Dionísio de Siracusa) e destacar o impacto das implantações coloniais ou empóricas gregas nas populações locais.

Palavras-chave: Contatos; Mar Adriático; Emporia; Tirania; Colônias Fantasmas.

Abstract: Located at the crossroads between Balkan and Italian peninsulas and connecting Mediterranean areas to central and northern Europe, the Adriatic Sea was widely frequented by Greeks from the ninth century BCE at least. Greeks were attracted to Adriatic coasts by trades, but they rarely established apoikiai. This paper aims to highlight how Greek "mobility" in this sea has to be understood in the light of larger and more complex historical contexts (the "tyranny" of Periander, the hegemonic projects of Dionysus of Syracuse) and to define the effect of colonial settlements or Greek emporia on indigenous people.

Keywords: Contacts; Adriatic Sea; Emporia; Tyranny; Ghost Colonies.

Partindo da reflexão historiográfica recentemente renovada em torno das mobilidades mediterrânicas durante o período antigo, e em razão da complexidade dos intercâmbios e da multiplicidade das presenças que ocuparam esse mar ao longo da Antiguidade, o espaço adriático se mostra como um caso de estudo particularmente desafiante³. De fato, a mobilidade grega foi declinada aqui não somente na forma de fundações coloniais, mas é também, e sobretudo, manifestada pelo panorama dos tráfegos comerciais que permitiram aos gregos dispor de pontos de acesso a espaços continentais, tanto ao Norte quanto ao Sul. Esse contexto "diaspórico" facilitou, além disso, o contato entre grupos de origens diferentes instalados nas costas adriáticas ou em seu interior, de forma temporária ou permanente. O Adriático constitui, assim, ao mesmo tempo um terreno de estudo privilegiado para abordar os fenômenos das transferências culturais e para refletir acerca das questões das construções identitárias e étnicas, que se exprimem aqui de maneira bastante original.

¹ Maître de conférences (professora associada) d'histoire grecque, Université de Grenoble Alpes, França.

² Doutoranda em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

³ Refiro-me, nesta proposta em particular, à publicação organizada por CAPDETREY e ZURBACH, 2012, e ao estudo de D'ERCOLE, 2012.

O Mar Adriático possuía entre os gregos dois nomes distintos: *Adrias* e *Ionios*⁴. Se o primeiro indicava originalmente a parte setentrional, que parece se fechar nas terras continentais da Europa central, e derivava de *Adria* (Tito Lívio V 33), *emporion* fundado pelos etruscos no séc. VI a.C., o segundo topônimo, *Ionios kolpos* ou *Ionios pontos*, significava por sua vez o conjunto das águas adriáticas. A expressão *Ionios poros* definia mais especificamente o canal de Otranto, o setor mais permeável às influências mediterrâneas⁵.

A tradição reconhece nas origens da denominação *Ionios kolpos* o mito das peregrinações de Io narradas por Ésquilo: o poeta trágico conta que esta jovem filha de Argos, transformada em novilha por Zeus, chegou por terra a Dodona, em Épiro, e em seguida ao mar que, de "Golfo de Rhea", teve seu nome mudado para "Golfo de Io" em memória de sua passagem (Ésquilo *Prometeu acorrentado* 836-841).

Uma lenda alternativa transmitida no séc. II a.C. por Apiano (*Guerras civis* II 39), mas que remonta sem dúvida a Teopompo, historiador do séc. IV a.C., vê na origem do nome do mar um personagem epônimo: Ionios, filho de Dirráquio, neto de Epidamno e bisneto de Poseidon. Essa tradição é, evidentemente, intimamente ligada ao nascimento da colônia corcirese de Epidamno-Dirráquio, como evidenciado pelos nomes atribuídos à ascendência de Ionios, e enfatiza a importância dessa fundação, a primeira verdadeira *apoikia* do Adriático.

É desnecessário enfatizar que esses mitos revelam a importância que esse mar tinha aos olhos dos gregos, especialmente aqueles que percorriam suas águas por razões comerciais ou que habitavam essas costas, em particular as orientais, consideradas como mais propícias à instalação de portos, embora com frequência os autores gregos nos apresentem uma geografia aproximativa ou mesmo completamente falsa desse litoral e das populações que ali viviam⁶. O "golfo" adriático tinha entretanto um papel de intercâmbio comercial e cultural fundamental desde a Idade do Bronze, época da presença micênica, colocando em contato os povos indígenas (ilírios, messápios, dáunios, picentinos, úmbrios, etruscos e vênetsos), entre si e com os egeus⁷.

⁴ Acrescentamos também a estas duas denominações a de "mar de Cronos", registrada por Apolônio de Rodes IV 327; 509; 548, fazendo alusão à parte setentrional do Mar Adriático. Sobre esta denominação cf. DELAGE, 1930, p.210-211.

⁵ M. Pallottino falava sobre a questão da "mediterraneidade" mais imediata do Sul do Adriático: PALLOTTINO, 1983, p.17.

⁶ Heródoto cita apenas três vezes o Adriático e não se preocupa em descrever os povos. Tucídides não faz qualquer menção. Ver, a este respeito: D'ERCOLE, 2005, p.172.

⁷ Sobre essa época, ver principalmente LENZI, 2003.

OS PRIMEIROS CONTATOS

Heródoto (I 163) afirma que os primeiros exploradores gregos do mar Adriático, assim como do mar Tirreno e do "faroeste" ibérico, foram os focesus, mas a ausência de traços materiais de sua presença torna difícil avaliar o impacto dessa contribuição⁸.

De acordo com uma parte da tradição literária, os primeiros colonizadores do mar Adriático foram, no entanto, os eubeus: Plutarco faz alusão a uma presença euboica na Córçira, e Pseudo-Simno, no séc. II a.C., atribui a fundação de Órico, no litoral ilírio, na extremidade meridional do golfo de Vlora, aos eubeus, os quais, ao retornarem da Guerra de Troia, encalharam na costa adriática por causa dos ventos desfavoráveis (Plutarco *Questões Gregas* 11; Pseudo-Simno 441-443). A mesma lenda relacionada aos *nostoi* é retomada por Pausânias, com relação à região de Trônion, cidade provavelmente situada nas proximidades da colônia de Apôlonia e dos montes Ceranienses, e fundada por um grupo de lócrios e de abantes (assim eram chamados os eubeus nos poemas homéricos, cf. Homero *Iliada* II 536-545; BIFFI, 1985-86) após o seu retorno da Guerra de Troia (Pausânias V 22, 2-3). A presença euboica no Adriático, afirmada pelos textos antigos mas não corroborada pelas descobertas arqueológicas, ainda permanece muito problemática e somente novas pesquisas no campo poderão fornecer respostas mais precisas sobre aquilo que parece ser mais um contato pré-colonial que um estabelecimento permanente⁹.

A literatura, confirmada desta vez pelas descobertas arqueológicas, apresenta testemunhos mais ricos sobre a presença coríntia, ao ponto que certos historiadores têm falado em "Colonial Empire" (império colonial) a propósito das fundações coríntias nas margens orientais do Mar Jônio e do sul do Adriático, ou ainda de "matrice coríntia" (matriz coríntia) para designar as marcas políticas e culturais dos coríntios nessas regiões¹⁰.

A primeira *apoikia* coríntia situada no Mar Jônio, mais próximo do canal de Otranto, teria sido fundada na Córçira, sobre a península situada na parte meridional da ilha (sítio de Paleópolis), por uma expedição guiada por Quersicrates, membro da família oligárquica dos Baquíadas, que então detinha o poder em Corinto em 734 a.C., quando um outro Baquíada, Árquias, continuou sua navegação até Siracusa, que teria fundado por volta de 733 a.C. (Estrabão VI 2, 4, 269)¹¹.

Essa colonização se insere em uma rede de trocas bem estabelecida a partir do início do séc. VIII a.C., que liga a cidade de Corinto a Ítaca por intermédio dos sítios de Arta (Ambrácia), e da cidade epirota de Vitsa (MORGAN, 1988, p.313-338). A descoberta de cerâmicas coríntias da mesma época no outro litoral do

⁸ Sobre o problema dos focesus no Adriático, cf. MOREL, 1975a, p.142-148; 1975b, p.853-896; 1982, p.479-496 ; 1988, p.31-44; 2001, p.53-77.

⁹ Cf. a respeito desse balanço, principalmente sobre Orikos, BERETI *et alii*, 2011, p.410-430.

¹⁰ Sobre o debate, cf. QUANTIN, 2012, p.248 sq.

¹¹ Sobre as fundações contemporâneas de Córçira e Siracusa, cf. INTRIERI, 2011, p.175-208.

Adriático, em Otranto, certifica de maneira mais evidente o interesse dos coríntios pela rota marítima que conduzia à Itália meridional e à Sicília pelo canal de Otranto, onde Corfu constitui uma importante ligação (D'ANDRIA; LOMBARDO, 1999).

Heródoto (III 49) relata, contudo, que desde a colonização da ilha córciros e coríntios entraram em desacordo, "embora sejam do mesmo sangue". Essa disputa seria concretizada, nas palavras de Tucídides (I 38, 1), na primeira batalha naval conhecida pelos gregos, em 664 a.C., apenas duas gerações após a fundação da colônia. Esse combate naval, cujo resultado não é revelado pelas fontes, ocorreu no momento em que a organização política coríntia passava por uma mudança importante, com a passagem do regime oligárquico conduzido pela família dos Baquíadas a um governo tirânico liderado por Cípcelo, também Baquíada por parte da mãe mas em posição marginal em relação ao grupo no poder (cf. Heródoto V 92)¹². Nessa nova perspectiva, a política colonial incentivada pelos Baquíadas teria sido pretensamente expandida pelo tirano, que teria confiado a seus filhos a fundação e o controle, na região da Acarnânia, ao longo da rota marítima que conduzia à Cócira e ao mar Adriático, de Leucádia, Anactórion e Ambrácia, durante o séc. VII a.C. (cf. QUANTIN, 2012, p.252-254, e bibliografia).

EPIDAMNO E APOLÔNIA

A fundação das primeiras colônias do Adriático, Epidamno-Durráquio e Apolônia, em uma região ocupada pelos nativos ilírios, situa-se no mesmo contexto.

A primeira foi fundada por volta de 627 a.C., por iniciativa da Cócira, em um promontório da costa adriática sul-oriental: segundo a versão registrada por Tucídides (I 24, 2), o contingente córciro foi conduzido por um *oikistes* proveniente de Corinto, Phalios, filho de Eratóclides, nascido coríntio e descendente dos Heráclidas. O estabelecimento adriático de Epidamno cumpre certamente as exigências da Cócira, ansiosa por expandir seu controle sobre a rota marítima que permitia ganhar o Adriático setentrional, a planície padana, o comércio das rotas alpinas e de entrar em contato com os etruscos instalados na Emília-Romana. Beneficiados pelos ventos, por correntes marítimas e por abrigos favoráveis, a costa oriental do mar Adriático foi largamente preferida em relação à costa italiana, com suas *importuosa litora* (Tito Lívio X 2, 4)¹³, para as navegações em direção à parte setentrional do *sinus Adriaticus* (Estrabão VII 5, 10). A colônia permitia também dispor de uma base útil para entrar em contato com o interior ilírio, como atestado pela existência em Epidamno de um magistrado encarregado das transações comerciais com os indígenas ilírios, o poleta (πωλήτης) (Plutarco *Questões gregas* 297f).

¹² Mais em geral, sobre esses eventos da história de Corinto: WILL, 1955; SALMON, 1984.

¹³ Sobre as rotas de navegação adriáticas: ARNAUD, 2005, p.194-206.

A *apoikia* de Apolônia foi fundada na mesma época um pouco mais ao sul e em contato com a foz do rio Aaos (atual rio Vjosa) (sobre Apolônia, cf. DIMO, LENHARDT, QUANTIN, 2007), em torno do final do século VII a.C. A empresa colonial foi promovida, provavelmente, pelo filho e sucessor de Cípcelo, Periandro (cuja tirania é tradicionalmente datada entre 628 e 587 a.C.), que assim continuou a política adriática promovida pelos Baquíadas e reforçada por seu pai.

As fontes não são, porém, unânimes sobre a composição da expedição colonial: Tucídides, Plínio o Velho, Dión Cássio e Estêvão de Bizâncio consideram Apolônia como uma fundação coríntia (Tucídides I 26, 2; Plínio o Velho *História Natural* III 145; Dio Cássio Dión Cássio XLI 45; Estêvão Estêvão de Bizâncio *ss.vv. Apollonia e Gylakeia*), enquanto que Pseudo-Simno (439-440), por sua vez, a apresenta como uma fundação mista, coríntia e corcirese. Pausânias parece, por fim, em uma passagem lacunar e portanto problemática, deixar apenas aos corcirenses a responsabilidade pela iniciativa (Pausânias V 22, 4). As contradições das fontes são certamente o reflexo da existência de tradições alternativas criadas ao longo dos séculos sobre a origem dessa cidade, bem como das escolhas políticas dessa *apoikia* – na sua interpretação, deve-se levar em conta a proximidade geográfica entre Apolônia e Córçira, que deu origem a estreitas relações e poderia favorecer o desenvolvimento e a difusão de uma tradição de fundação filo-corcirese.

Estêvão de Bizâncio é o único a preservar o nome do *oikistes*, o coríntio Gylax. Sempre segundo o lexicógrafo do século VI d.C., a expedição foi composta de um contingente de duas centenas de colonos coríntios. Gylax batizou a colônia com o nome de Gylakeia, topônimo mais tarde substituído por Apolônia. Essa mudança teria acontecido provavelmente após a queda do regime tirânico dos Cipcélidas, em 584-3 a.C., quando a resposta ao poder tirânico na metrópole coríntia poderia ter repercussões políticas na colônia adriática e levou seus habitantes a rebatizar a colônia para o nome do deus arquegeta (ἀρχηγέτης)¹⁴ por excelência, Apolo (sobre essa hipótese, cf. ANTONELLI, 2000).

Gylakeia constituiria, assim, um caso excepcional, em uma data tão antiga, de colônia grega tendo seu nome relacionado ao de seu fundador. O privilégio que ele desfrutou provavelmente proveio de sua importante posição entre os fiéis ao tirano Periandro: Gylax talvez fosse um de seus homens de confiança, e foi responsável por impor à nova colônia adriática uma constituição moldada a partir das leis coríntias e por garantir a lealdade da nova fundação à sua metrópole.

Do mesmo modo e na mesma época, Periandro havia confiado a fundação de uma outra colônia, Potideu, no Calcídico, em outra costa da península balcânica, a seu filho Evágoras, e alguns anos mais tarde, em torno de 594-3 a.C., o governo da Córçira a um outro de seus filhos, Licofronte ou Nicolau (Heródoto III 52, 25; Nicolau de Damasco *FGrHist* 90 F 59, 1). Isso levou também ao controle da colônia da Córçira, Epidamno. Estrabão especifica, com efeito, que em 588-7 a.C. Periandro enviou refugiados provenientes de

¹⁴ No caso, deus fundador de cidades, mais especificamente, das *apoikiai*. N.d.R.

Dispôntio, na Élide, a Apolônia e Epidamno, o que implica um controle coríntio sobre as duas colônias (Estrabão VIII 3, 32, 357).

A posição de Apolônia é reveladora: ela não era instalada diretamente na costa, mas dispunha de um porto fluvial, provavelmente não muito distante do mar, do qual era separada por um espaço lagunar e pantanoso formado pelos meandros do rio Aaos, dominando uma vasta planície fértil que lhe permitiu recorrer a uma exitosa atividade agro-pastoril (CABANES, 2000). Contudo, a fundação de Apolônia parece responder às mesmas exigências comerciais de Epidamno. Ela também poderia se beneficiar de sua proximidade com as minas de betume localizadas na região do *nymphaion*, nas fronteiras da sua *chora*¹⁵.

As duas *apoikiai* adriáticas asseguravam também o controle das rotas que ligavam o litoral adriático oriental ao interior, especialmente seguindo o curso do Genusus (Shkumbi) ou o do Apsos (Seman), segundo um traçado que se tornaria, a partir do séc. II a.C. depois da conquista romana, a *via Egnatia*, a principal rota transbalcânica que permitia unir Apolônia e Epidamno aos centros do Norte do Egeu (dos centros macedônios e trácios, até a região dos Estreitos)¹⁶. A fundação coríntia de Potideu, no Calcídico, na ponta egeia dessa rota continental, parece marcar um desejo de monopólio por parte de Corinto desse itinerário terrestre (Nicolau de Damasco *FGrHist* 90 F 59,1)¹⁷.

As localizações dessas duas colônias favoreciam em particular um acesso direto aos recursos das minas de Damastion, situadas no interior das terras, na região do lago Lychnitis (Ohrid)¹⁸.

São numerosos os vestígios da prosperidade dessas duas colônias desde as suas fundações: já em 572 a.C., entre os pretendentes da filha do tirano de Sición, todos provenientes das melhores famílias do mundo grego, figura Anfimnesto de Epidamno (Heródoto VI 127). O santuário pan-helênico de Olímpia mantém a memória não apenas de atletas vencedores originários das duas *apoikiai* (Cleóstenes de Epidamno, vencedor do concurso de quadrigas em 516 a.C., e Mneptólemos de Apolônia, vencedor da corrida do estádio na categoria das crianças entre 504 e 500 a.C.¹⁹), mas também de monumentos coletivos: por volta da metade do séc. VI a.C., os habitantes de Epidamno ofereceram ao Zeus olímpico um *thesauros* elevado sobre o terraço dos tesouros acima do Metroon, que se junta aos erigidos por outras cidades gregas (Pausânias VI 19). Um século mais tarde, os apoloniatas dedicaram ao mesmo deus um monumento constituído de uma

¹⁵ Sobre as minas de betume próximas a Apolônia, cf. CABANES, 2004, p. 124; VREKAJ, 2011, p.199-207.

¹⁶ Sobre a *via Egnatia*, seu percurso, as fontes literárias, epigráficas e arqueológicas que a referem, cf. FASOLO, 2005; PALAZZO, 2010, p.273-290.

¹⁷ A expedição colonial foi confiada a um dos filhos de Periandro, Evágoras.

¹⁸ Não é fácil localizar precisamente esse distrito de mineração, para o qual a fonte principal continua sendo Estrabão VII e VIII, 7, 8, 6, 16. Para um resumo do debate sobre a sua localização geográfica, cf. CASTIGLIONI, 2010, p.115-116, com referências bibliográficas.

¹⁹ Para Cleóstenes: Pausânias VI 10,6; Cf. MORETTI, 1957: n° 66. Para Meneptólemo: Pausânias VI 14, 13; MORETTI, 1957: n° 162.

base em semicírculo sobre a qual foram dispostas, como revela a descrição de Pausânias, estátuas em bronze de Zeus, Hemera-Éos e Tétis no centro e, dos dois lados da tríade divina, nas partes laterais, cinco heróis troianos e cinco heróis aqueus: Aquiles e Mêmnon nas extremidades da base e, entre eles e o grupo central, Ulisses e Heleno, Menelau e Páris, Diomedes e Eneias, Ajax e Dêifobo. Cada herói aqueu estava disposto em frente ao seu inimigo troiano (Pausânias V 22, 2-4)²⁰. O episódio representado na exedra foi o duelo entre Aquiles e Mêmnon durante a guerra de Tróia, contada por Arctinos de Mileto na *Etiópida*, poema perdido do ciclo troiano²¹. A dedicatória do monumento, registrada por Pausânias e preservada em alguns fragmentos descobertos nas escavações alemãs de Olímpia dos anos de 1940 e 1950, informava que a oferenda havia sido financiada com o dízimo do espólio tomado pelos apoloniatas dos habitantes de Trônion. Muito provavelmente, essa pequena cidade que ainda não foi precisamente localizada se encontrava na fronteira meridional da *chora* apoloniata, e sua conquista permitiu a Apolônia aumentar seu controle territorial e se beneficiar de novas terras férteis para explorar.

CÓRCIRA MELAINA, AS "COLÔNIAS FANTASMAS" E O DELTA DO PÓ

Ao norte de Epidamno, a presença grega parece menos estável ao menos durante o período arcaico, com exceção do caso de *Korkyra Melaina*, ou Córçira Negra, colônia estabelecida na ilha de Korčula por um contingente de cnídios ajudados pelos corcirenses como parte de um acordo (*philia*) entre as duas cidades. Plutarco afirma, com efeito, que este acordo foi a consequência do reconhecimento dos corcirenses, gratos aos cnídios porque esses últimos haviam libertado trezentos jovens corcirenses pertencentes às melhores famílias da ilha e enviados como reféns por Periandro ao rei Aliate, da Lídia (Plutarco *De Herodoti malignitate* 22)²². Isso significa que a expedição colonial só foi possível após a morte de Periandro e a sucessiva perda do controle coríntio sobre a Córçira, ou seja, não antes do início do séc. VI a.C., momento em que os cnídios se dirigiram até a Sicília para escapar da pressão exercida por Aliate sobre as cidades gregas da Jônia (expedição de Pentatlos, cf. Diodoro V 9, 4-5; Pausânias X 16, 7). O nome dado à fundação atestaria uma intenção de honrar os corcirenses que tinham apoiado os cnídios na fundação colonial cuja localização não foi determinada do ponto de vista arqueológico.

O caráter efêmero e a fraqueza dos dados disponíveis sobre outros estabelecimentos gregos adriáticos levaram os historiadores a forjar a definição de "colonie fantasma" (colônias fantasmas,

²⁰ Sobre o monumento dos apoloniatas em Olímpia: CABANES, 1993; CASTIGLIONI, 2004; ANTONETTI, 2010; PICCININI, 2011.

²¹ Foi preservado, entretanto, o resumo de Próclo: cf. DEBIASI, 2004, p.124-178.

²² Cf. também Pseudo-Simno 426-430; Estrabão VII 5, 5; Plínio *História Natural* III 152. Sobre a formação da Córçira Negra, cf. MASTROCINQUE, 1988.

LOMBARDO, 2006, p.19-32) para designar as experiências coloniais temporárias que deixaram vestígios efêmeros e lábeis na documentação literária e arqueológica. Este foi, provavelmente, o caso da fundação citada pelo *psephisma* de Lumbarda²³, localizada na ilha de Korčula, ou ainda de Elpia (Estrabão XIV 2, 10; Estêvão de Bizâncio s.v. *Elpia*; cf. VAN COMPERNOLLE, 1985, p.35-45), fundação ródia na Apúlia, de Anchiale, fundação pariana na Ilíria, mencionada somente por Estêvão de Bizâncio (s.v. *Anchiale*), e de Heracleia e seu porto, cuja existência é mencionada somente por Pseudo-Cílix (XXII) e cuja localização é desconhecida, ou mesmo do projeto de colonização ateniense no Adriático, ao que nós voltaremos.

Como sublinha M. Lombardo, esses casos merecem ser estudados à luz daquilo que D. Asheri designa como dinâmicas de "descolonização", ou seja, como estabelecimentos gregos que, fundados para atender às necessidades de ordem política, militar ou comercial, não conseguem sobreviver quando os objetivos iniciais dos projetos coloniais não mais subsistem (cf. ASHERI, 1996, p.73-115).

O espaço adriático foi assim o cenário de expedições não concluídas: em 530 a.C., segundo Estrabão, os tessálios haviam tentado se estabelecer em Ravena, na costa ocidental do Adriático, mas encontraram a oposição dos etruscos que controlavam o delta do Pó (Estrabão V 1, 7 c 214).

Os contatos entre os gregos e as populações do Adriático central e setentrional se inscrevem em esquemas diferentes do modelo colonial clássico, mais próximos da forma de relações empóricas formadas em alguns casos desde a Idade do Bronze. É o caso dos eginetas que frequentavam a região em torno do *emporion* de Ádria, que esteve ativo pelo menos desde 580-570 a.C. e que permitiu entrar em contato com as populações da parte setentrional do mar Adriático, o *Caput Adriae*, do delta do Pó ao golfo de Veneza (COLONNA, 1974, p.1-21).

Ádria e Spina²⁴, essa última criada em um acesso do braço meridional do Pó, mostram uma importante quantidade de importações gregas, como evidenciado pela quantidade de vasos áticos encontrados nas necrópoles do Vale Trebba e do Vale Pega²⁵. Esses objetos foram acompanhados da presença de indivíduos de origem grega, principalmente ao longo do séc. V a.C.²⁶. A menção à edificação de um tesouro dos cidadãos de Spina em Delfos confirma a visibilidade internacional dessa cidade padana, bem como seu poder militar, porque a oferenda é dedicada como um dízimo e, portanto, ligada a uma vitória militar, talvez com relação às atividades de pirataria pelas quais os etruscos se tornaram famosos (Estrabão V 1, 7 c 214; Dionísio de Halicarnasso I 18, 3-5; Plínio o Velho III 115).

²³ Esta inscrição encontrada em Lumbarda, na ilha de Korčula, datada do final do século IV ou do início do III a.C., relata uma distribuição de terras entre colonos provenientes de Issa e divididos entre três tribos dóricas. Seria o indício da existência na ilha, independentemente da colônia cnidiana da Cócira Negra, de um estabelecimento que provavelmente teve uma função militar de controle da navegação costeira. Cf. LOMBARDO, 1993, p.161-188.

²⁴ Sobre Spina: Estrabão V 1, 7 c 214; Pseudo-Cílix 17; Plínio o Velho *História Natural* III 120; Trogo-Pompeu XX 1, 11. Uma síntese mais clara sobre o sítio e sua tradição literária em: TORELLI, 1993, p.53-69.

²⁵ Especialmente sobre a necrópole de Valle Trebba, cf. BERTI, 1993, p.34-45.

²⁶ Sobre o caráter multiétnico desses dois *emporion*, cf. BOURDIN 2006, p.30 ss.

A riqueza e a movimentação nesses dois *emporion* foram sobretudo ligadas à sua proximidade com os centros etruscos da planície padana (especialmente Felsina, futura Bolonha), e assim à facilidade de fornecimento de metal e âmbar, que chegava no Alto Adriático vindo do Báltico, mas também de cereais da planície do Pó e de cavalos vênets (cf. SASSATELLI, 1993, p.211-213).

É preciso, por sinal, enfatizar que a profusão de histórias mitológicas localizadas na área do delta do Pó e na costa vêneta até Timave (mitos de Faetonte e das Heliades, de Dédalo, dos Argonautas, das oferendas hiperbóreas, de Diomedes), assim como a descoberta de materiais egeus das Idades do Bronze e do Ferro, fazem supor que essa parte do Adriático estava aberta às navegações gregas mesmo antes da época da presença egineta, no final do período arcaico (cf. COLONNA, 1974, p.1-21; BRUNI, 1998, p.203-220; BRACCESI, 1988, p.133-145).

A COLONIZAÇÃO DO SÉC. IV A.C.

A questão das colônias fantasmas está intimamente ligada ao debate sobre a presença siracusana no Adriático, de Ancona até Lissos, opondo os defensores da ideia de um "império" siracusano aos historiadores que, mais prudentemente, tendem a dar nuances à tese de uma concretização efetiva dos projetos de Dionísio de Siracusa no Adriático (cf. WOODHEAD, 1970; D'ANDRIA, 2002, p.117-137, part. 119)²⁷.

É inegável que uma parte da tradição literária reconhece um papel importante da ação do tirano siracusano no Adriático no séc. IV a.C., especialmente entre 387 e 383 a.C., como parte de um programa de dominação mais vasto. Depois de haver apaziguado o perigo cartaginense (a terceira guerra contra Cartago se conclui favoravelmente para Dionísio em 391 a.C.), o tirano alarga suas ambições expansionistas para além da Sicília. A primeira fase de seu programa foi realizada às custas dos etruscos, e se aproveitou da vinda dos Celtas à planície do Pó e à Itália central até Roma, em 388 a.C. Presumivelmente, pouco tempo depois Dionísio conclui uma aliança com os gauleses e envia dois ataques sucessivos contra os etruscos de Caere-Cerveteri e seu *emporion* de Pirgi: o primeiro em 387-6 a.C., com a colaboração de tropas mercenárias celtas provenientes da lapígia, e o segundo entre 385-4 e 384-3 a.C., marítimo, com uma frota siracusana (Diodoro XIV 117, 7; XV 14, 3-4). Estes foram os primeiros sucessos de seu projeto de hegemonia tirrênica, realizado somente em parte (Diodoro XVI 5, 4; 9, 1; XX 78, 3; cf. SINATRA, 1996, p.373-381; SORDI, 1986, p.84-90).

No mesmo período, Dionísio mantinha relações diplomáticas no Adriático – se acreditarmos em Diodoro (XV 13, 1), elas se destinavam a apoiar um vasto projeto de controle balcânico cuja operação mais

²⁷ Na realidade, o problema vai além das fronteiras do Adriático e demanda uma releitura geral da "propaganda dionisíaca" tal como nos é transmitida pelas fontes, um confronto da política adriática do tirano com a sua política tirrênica, suas alianças ilírica e epirota, a avaliação do impacto dos projectos, não necessariamente materializados, de Dionísio sobre o mundo da própria Grécia, e das reações que desencadeou aqui e em Atenas, em particular. Sobre essas questões, ver BONACASA; BRACCESI; DE MIRO, 2002.

importante previa a pilhagem do santuário délfico, que as tropas do tirano, vindo pelo litoral adriático, alcançariam após atravessarem as regiões epirotas. O relato de Diodoro depende de fontes pouco objetivas, contudo uma parte das informações sobre a política adriática de Dionísio parece confiável: Diodoro escreveu especialmente que Dionísio, beneficiando-se da mediação de Alcetas, o Molosso, filho de Tarripas, expulso de seu reino pelo partido filo-espartano no final da Guerra do Peloponeso e exilado em Siracusa, aliou-se ao rei ilírio e lhe enviou um contingente de dois mil soldados e quinhentas panóplias (Diodoro XV 13, 2). Esse rei ilírio permanece anônimo na história de Diodoro, mas é muito provável que se trate de Bardilis, rei dos Dessaretas, tribo ilíria situada na fronteira entre a Macedônia, a Ilíria e o Épiro²⁸. A colaboração militar siciliana levou à restauração de Alcetas ao trono molosso e à vitória final da coalizão (Diodoro XV 13, 3).

Com toda probabilidade, tal resultado fez pender o equilíbrio adriático em favor de Dionísio que, aproveitando o acordo com o ilírios do Sul, teria decidido estabelecer uma base naval em Lissos (atual Lizhë) e intensificar sua influência um pouco mais ao Norte, no território onde ele já havia fundado a colônia de Issa (na atual ilha de Vis), em frente ao maior e mais protegido dos portos dálmatas²⁹.

Em 385-4 a.C., Dionísio teria ajudado os parianos na fundação de Faros, a atual Stari Grad, na ilha de Hvar (Diodoro XV 13, 3; XV 14, 1-2. Sobre Faros, cf. KIRIGIN, 2006). No ano seguinte, ele teria renovado seu apoio aos parianos de Faros, enviando seu governador (*eparchos*) para ajudá-los durante um ataque por parte dos ilírios instalados na ilha e assistidos por outros ilírios do continente. Na verdade, é provável que a presença colonial grega tenha sido pouco tolerada pelos autóctones, provavelmente os liburnienses, incomodados sobretudo em poderem continuar suas atividades de pirataria que realizavam no mar Adriático (Tito Lívio X 2, 4; Estrabão VII 5, 10, c317. cf. FUSCAGNI; MARCACCINI, 2002, p.103-113).

De acordo com uma informação de Estrabão (V 4, 2), a tirania de Dionísio teria levado um grupo de opositores a deixar a Sicília e a se refugiar em Ancona. Este centro, que dispõe do único bom porto natural do litoral ocidental do Adriático até o Gargano, já era ocupado por um estabelecimento indígena frequentado pelos gregos. A chegada dos exilados teria alargado esse *emporion* e aumentado a sua vocação comercial (LUNI, 2004, p.28). Plínio, o Velho, escreveu que o sítio de Numana, não muito distante ao Sul de Ancona, teria sido então ocupado pelos "sículos" (Plínio o Velho *História Natural* III 112); no entanto, mais que uma instalação siracusana da época de Dionísio, a informação pliniana seria uma vaga alusão às migrações da segunda metade do segundo milênio (LUNI, 2004, p.56). Aqui, como em Ancona, a documentação arqueológica mostra que o sítio, estabelecido na extremidade meridional do promontório de Conero, havia sido habitado pelos indígenas desde a Idade do Ferro. As importantes quantidades de cerâmica ática

²⁸ Sobre o rei dos ilírios: Cícero *De officiis* II 11; Diodoro XVI 4, 4; Frontino *Estrategemas* II 5, 19; Libânio *Contra Severo* 52; Políbio XXXVIII 6,4 ; Teopompo *FGrHist* 115 F 28.

²⁹ Diodoro XV, 13, 4 (Lissos); XV, 14, 2, mas os manuscritos não concordam entre si, o que torna essa reconstituição incerta e hipotética. Sobre esse assunto, cf. VIAL 1972, p.66-67. O Pseudo-Simno, 413-414, atribui a Issa uma origem siracusana.

encontradas no lugar confirmam ter este centro também uma função de escala marítima para os navegantes gregos que percorriam a rota Zadar-Ancona.

Por fim, os fragmentos de uma estela encontrada no Pireu (IG II² 1629) informam sobre o propósito ateniense de enviar uma expedição colonial para o Adriático (*eis ton Adrian*) em 325-324 a.C. O decreto (*psephisma*) define alguns detalhes do projeto, apresentado por Cephisidon à *eclesia* de Atenas: o objetivo da expedição era garantir um mercado e uma fonte de provisão de trigo (*emporía* e *sitopompía*), bem como proteção (*phylakía*) contra os tirrenos e os etruscos, verossimilmente os etruscos padanos. Se o nome do fundador designado é conhecido (Milcíades), o destino infelizmente não é preciso. O projeto, de natureza prioritariamente comercial (Atenas, afetada durante esses anos por uma severa seca, não era mais capaz de satisfazer suas necessidades internas, mesmo com as importações provenientes do Mar Negro), permaneceu provavelmente inacabado. Importantes mudanças estavam em curso: Atenas, já enfraquecida pela derrota em Queroneia, não soube enfrentar Alexandre e teve finalmente que desistir de suas pretensões de garantir uma política de proteção marítima, no Adriático e em outros lugares³⁰.

As conquistas de Alexandre e a organização do mundo mediterrâneo depois de sua morte também tiveram consequências no espaço adriático, que se tornou no fim do séc. IV a.C. e no séc. III a.C. o cenário da intervenção macedônica e das lutas entre ilírios e epirotas³¹. Posteriormente, o apoio militar de Roma a Issa contra os piratas ilírios e sua rainha Teuta, em 229-228 a.C., com a primeira guerra ilíria, levou à perda da independência política dos estabelecimentos gregos (Políbio II 2-12; Apiano *Illyrikè* 7-8; Dión Cássio fr. 49 = Zonaras VIII 19). Estes, porém, mantiveram uma forte presença grega e favoreceram a difusão de sua cultura nas cidades ilírias próximas, como demonstram os exemplos de Apolônia, que manteve a identidade grega, e de suas vizinhas ilírias Búlis e Amântia, que apresentam estruturas urbanísticas tipicamente gregas, tais como o teatro e o estádio, e que foram registradas, em 220 a.C., na lista dos tearódocos de Delfos – para que pudessem participar dos Jogos Píticos, privilégio concedido apenas aos helenos³², e foram assim *de facto* integrados ao mundo grego.

Esse último exemplo mostra claramente que, apesar de uma presença colonial menos difusa em comparação com outras regiões afetadas pelas “diásporas” gregas, a influência grega no Adriático ultrapassou largamente o estrito panorama de trocas econômicas, e levou a processos de aculturação cujas intensidade e persistência foram bastante excepcionais.

Compreender as características e as razões da presença grega no Adriático somente é possível tendo como condição analisá-la à luz dos acontecimentos históricos que marcaram a vida das cidades de

³⁰ Sobre essa inscrição e seu contexto histórico: FERONE, 2004, p.31-48; ZAMBON, 2004, p.147-172.

³¹ Para uma apresentação da história das colônias adriáticas durante esse período, cf. CABANES, 2000, p.67 ss.

³² PLASSART, 1921, p.1-85. Búlis aparece em IV 37 (p. 22) e Abantia-Amantia em IV 56 (p.23). Sobre as relações entre gregos e indígenas na Ilíria meridional: CABANES, 2002, p.59 ss.

origem dos colonos e dos comerciantes que percorreram esse mar desde o início do período arcaico até o fim da Antiguidade. As etapas mais significativas foram, sem nenhuma dúvida, aquelas da política coríntia na época dos Cipséidas, da tirania de Dionísio, dos projetos “talassocráticos” de Atenas no início do período helenístico e, finalmente, da conquista romana.

Na origem do interesse por esse mar pelos gregos, há indiscutivelmente a sua localização geográfica, que de fato se torna uma ponte e uma fronteira. Mais especificamente, sua parte meridional desempenhou um papel essencial de união entre o interior balcânico (epirota e macedônico, particularmente) e as regiões além do canal de Otranto. Basta a esse respeito mencionar os sincronismos, destacados pela tradição literária, entre as fundações de Cócira e Siracusa e o caráter disperso da “rede” coríntia. As seções centrais e setentrionais do Adriático, que permitiram o acesso à Itália padana e à Europa continental, por sua vez contribuíram para nutrir trocas comerciais de vasta amplitude.

Graças ao desenvolvimento de pesquisas arqueológicas, os vestígios da presença dos gregos no Adriático e do seu diálogo com os outros grupos étnicos instalados nas costas deste mar foram notavelmente enriquecidos. A abertura de novos sítios de escavação, especialmente a partir dos anos 1990, tem contribuído para o desenvolvimento progressivo de um “mapa arqueológico” cada vez mais denso do antigo Adriático, que permite atualmente integrar este espaço a uma reflexão mais geral sobre as mobilidades gregas, o fenômeno da colonização e, mais amplamente, os processos de contato entre gregos e povos não-gregos. Isso permite esperar o desenvolvimento de uma interpretação historiográfica mais aprofundada deste espaço tão complexo e tão rico, frequentemente esquecido nas sínteses sobre as mobilidades gregas. As conclusões negativistas do longo artigo pioneiro de R. L. Beaumont publicado em 1936, “The Adriatic coastlands were never fully hellenized”, estão agora em grande parte recebendo nuances, ou sendo lidas à luz de novas abordagens epistemológicas e com base nos resultados promissores da pesquisa arqueológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONELLI, Luca. *Kerkyraikà, Ricerche su Corcira alto-arcaica tra Ionio e Adriatico*. Roma: L'Erma di Bretshneider, 2000.
- ANTONETTI, Claudia. Tra storia ed *epos*: il donario degli Apolloniati a Olimpia (Paus. 5.22.2-4). IN: CINGANO, Ettore (a cura di), *Tra Panellenismo e tradizioni locali. Generi poetici e storiografia*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2010, p.433-450.
- ARNAUD, Pascal. *Les routes de la navigation antique. Itinéraires en Méditerranée*. Paris: Éditions Errance, 2005.
- ASHERI, David. Colonizzazione e decolonizzazione. IN: SETTIS Salvatore (dir.), *I Greci. Storia cultura arte società, I, Noi e i Greci*. Torino: Einaudi, 1996, p.73-115.
- BEAUMONT, R. L. Greek influence in the Adriatic Sea before the fourth century B. C. *Journal of Hellenic Studies*, London: Council of the Society for the Promotion of Hellenic Studies, v. 56, 1936, p.159-204.
- BERETI, Vasil; CONSAGRA, Gionata; DESCCEUDRES, Jean-Paul; SHPUZA, Saimir; ZINDEL, Christian. Orikos – la première colonie grecque en Adriatique ? La première campagne de fouille albanais-suisse. IN : LAMBOLEY, Jean-Luc ; CASTIGLIONI, Maria Paola (éds.). *L'Illyrie Méridionale et l'Épire dans l'Antiquité. V. Actes du V^e Colloque international de Grenoble (8-11 octobre 2008)*. Grenoble: diff. De Boccard, 2011, p.410-430.
- BERTI, Fede. Appunti per Valle Trebba, uno specimen della necropoli di Spina. IN: BERTI, Fede; GUZZO, Pier Giovanni (a cura di), *Spina. Storia di una città tra Greci ed Etruschi*. Ferrara: Comitato Ferrara arte, 1993. p.34-45.
- BIFFI, Nicola. Elefenore e il nostos degli Abanti. *Invigilata lucernis*, Bari: Università di Bari, 7-8, 1985-1986, p.77-98.
- BONACASA, Nicola; BRACCESI, Lorenzo; DE MIRO, Ernesto (a cura di). *La Sicilia dei due Dionisî. Akragas 2. Atti della settimana di Agrigento, 24-29 febbraio 1999*. Roma: L'Erma di Bretshneider, 2002.
- BOURDIN Stéphane. Fréquentation ou intégration: les présences allogènes dans les *emporía* étrusques et ligures (VI^e-IV^e siècles av. J.-C.). IN: CLÉMENT, François; TOLAN, John; WILGAUX Jérôme (éds.), *Espaces d'échanges en Méditerranée. Antiquité et Moyen Âge*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006, p.19-39.
- BRACCESI, Lorenzo. Indizi per una frequentazione micenea dell'Adriatico. IN: ACQUARO, Enrico; GODART, Louis; MAZZA, Federico (a cura di). *Momenti precoloniali nel Mediterraneo antico: questioni di metodo, aree d'indagine, evidenze a confronto: atti del convegno internazionale (Roma, 14-16 marzo 1985)*. Roma: Consiglio nazionale delle ricerche, 1988, p.133-145.

- BRUNI, Stefano. Un problematico documento per la storia della frequentazione dell'area spinetica prima di Spina. Appunti sulle rotte adriatiche in età arcaica. IN: REBECCHI, Fernando (a cura di). *Spina e il delta Padano: riflessioni sul catalogo e sulla mostra ferrarese: atti del convegno internazionale di studi "Spina, due civiltà a confronto", Ferrara, Aula Magna dell'Università, 21 gennaio 1994*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1998, p.203-220.
- CABANES, Pierre. *Apollonie et Épidamne-Dyrrachion : épigraphie et histoire*. IN: CABANES, Pierre (éd.). *L'Illyrie Méridionale et l'Épire dans l'Antiquité. II. Actes du II^e colloque international de Clermont-Ferrand (25-27 octobre 1990)*, Paris: diff. De Boccard, 1993, p.145-153.
- CABANES, Pierre (dir.). *Histoire de l'Adriatique*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- CABANES, Pierre. La présence grecque sur la côte orientale de l'Adriatique en Illyrie du Sud. IN: CAMBI, Nenad; ČAČE, Slobodan; KIRIGIN, Branko (org.). *Greek Influence along the East Adriatic Coast*. Split: Književni Krug, 2002, p.51-63.
- CABANES, Pierre. L'évergétisme à Apollonia d'Illyrie et à Dyrrachium, à l'époque romaine. IN: CÉBEILLAC-GERVASONI, Mireille; LAMOINE, Laurent; TRÉMENT, Frédéric (textes réunis par). *Autocélébration des élites locales dans le monde romain. Contextes, textes, images (II^e s. av. J.-C.-III^e s. ap. J.-C.)*. Clermont-Ferrand: Presses universitaires Blaise-Pascal (Erga, Recherches sur l'antiquité, 7), 2004, p.121-128.
- CAPDETREY, Laurent; ZURBACH Julien (dir.). *Mobilités grecques: mouvements, réseaux, contacts en Méditerranée de l'époque archaïque à l'époque hellénistique*. Bordeaux: Éditions Ausonius, diffusion De Boccard, 2012.
- CASTIGLIONI, Maria Paola. Il monumento degli Apolloniati a Olimpia. *Mélanges de l'École française de Rome - Antiquité*, Roma: École française de Rome, 115-2, 2004, p.867-880.
- CASTIGLIONI, Maria Paola. *Cadmos-serpent en Illyrie. Itinéraire d'un héros civilisateur*. Pisa: Pisa University Press, 2010.
- COLONNA, Giovanni, I Greci di Adria. *Rivista storica dell'Antichità*. Bologna: Pàtron, 4, 1-2, p.1-21, 1974.
- D'ANDRIA, Francesco. L'Adriatico. I rapporti tra le due sponde: stato della questione, IN: BONACASA, Nicola; BRACCESI, Lorenzo; DE MIRO, Ernesto (a cura di). *La Sicilia dei due Dionisî. Akragas 2. Atti della settimana di Agrigento, 24-29 febbraio 1999*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2002, p.117-137.
- D'ANDRIA, Francesco; LOMBARDO, Mario (a cura di). *I Greci in Terra d'Otranto*. Galatina: Congedo, 1999.
- DEBIASI, Andrea. *L'epica perduta. Eumelo, il Ciclo, l'Occidente (Hesperia 20, Studi sulla grecità d'Occidente)*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2004.
- DELAGE, Émile. *La géographie dans les Argonautiques d'Apollonios de Rhodes*. Paris: Féret et fils, 1930.

- D'ERCOLE, Maria Cecilia. Identités, mobilités et frontières dans la Méditerranée antique. L'Italie adriatique, VIII^e – V^e siècle avant J.-C. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris: Édition de l'École des hautes études en Sciences sociales, 2005/1, 60^e année, 2005, p.165-181.
- D'ERCOLE, Maria Cecilia. *Histoires méditerranéennes*. Paris: Éditions Errance, 2012.
- DIMO, Vangjel; LENHARDT, Philippe; QUANTIN, François. *Apollonia d'Illyrie. 1. Atlas archéologique et historique*. Rome-Athènes: École Française d'Athènes, École Française de Rome, 2007.
- FASOLO, Michele. *La via Egnatia I. Da Apollonia e Dyrrachium ad Herakleia Lynkestidos*. Roma: Istituto Grafico Editoriale Romano, 2005.
- FERONE, Claudio. Il IV secolo, Atene e l'Adriatico. IN: *La pirateria nell'Adriatico antico, Hesperia 19*, Roma: L'Erma di Bretshneider, 2004, p.31-48.
- FUSCAGNI, Stefania; MARCACCINI, Carlo. Illiri, *hostes communes omnium*: l'immagine di una conquista. IN: MOSCATI CASTELNUOVO, Luisa (a cura di). *Identità e prassi storica nel Mediterraneo greco*. Milano: Edizioni Et, 2002, p.103-113.
- INTRIERI, Maria. Corcira tra Corinto e l'Occidente: rapporti e sincronismi di colonizzazione. IN: DE SENSI SESTITO, Giovanna; INTRIERI, Maria (org.). *Sulla rotta per la Sicilia: L'Epiro, Corcira e l'Occidente*. Pisa: Edizioni ETS, 2011, p.175-208.
- KIRIGIN, Branko. *Pharos the Parian settlement in Dalmatia: a study of a Greek colony in the Adriatic*, BAR international series, Volume 1561. Oxford: Archeopress, 2006.
- LENZI, Fiamma (org.). *L'archeologia dell'Adriatico dalla Preistoria al Medioevo, Atti del convegno internazionale, Ravenna, 7-8-9 giugno 2001*. Firenze: All'Insegna del Giglio, 2003.
- LOMBARDO, Mario. Lo *psephisma* di Lumbarda: note critiche e questioni esegetiche. *Hesperia*, 3, Roma: L'Erma di Bretshneider, 1993, p.161-188.
- LOMBARDO, Mario. I Greci in Dalmazia. Presenze e fondazioni coloniali, IN: LENZI Fiamma (a cura di). *Rimini e l'Adriatico nell'età delle guerre puniche. Atti del Convegno Internazionale di Studi. Rimini, Musei Comunali, 25-27 marzo 2004*. Bologna: Ante quem, 2006, p.19-32.
- LUNI, Mario. I porti di Ankon e Numana. IN: BRACCESI, Lorenzo; LUNI, Mario (a cura di). *I Greci in Adriatico, 2. Hesperia*, 18. Roma: L'Erma di Bretshneider, 2004, p.11-56.
- MASTROCINQUE, Attilio. *Da Cnido a Corcira Melaina. Uno studio sulle fondazioni greche in Adriatico*. Trento: Università degli Studi di Trento, 1988.
- MOREL, Jean-Paul. Récentes recherches sur la colonisation phocéenne en Occident. *Revue archéologique*, Paris: Presses Universitaires de France, 1975a, p.142-148.
- MOREL, Jean-Paul. L'expansion phocéenne en Occident. Dix années de recherches (1966-1975). *Bulletin de Correspondance Hellénique*, Athènes, Paris: École française d'Athènes, De Boccard, v. XCIX, 1975b, p.853-896.

- MOREL, Jean-Paul. Les Phocéens d'Occident. Nouvelles données, nouvelles approches. *La Parola del Passato*, Napoli: Macchiaroli, v. XXXVII, 1982, p.479-496.
- MOREL, Jean-Paul. Eubéens, Phocéens, même combat? IN: BATS, Michel; D'AGOSTINO Bruno (org.). *Euboica: l'Eubea e la presenza euboica in Calcidica e in Occidente. Atti del convegno internazionale di Napoli, 13-16 novembre 1996, Centre Jean Bérard, Istituto universitario orientale, Dipartimento del mondo classico e del Mediterraneo antico*, Napoli: Centre Jean Bérard, 1998, p.31-44.
- MOREL, Jean-Paul. Les Grecs entre l'Adriatique et la Tyrrhénienne. *Anemos*, Padova: Esedra, 2, 2001, p.53-77.
- MORETTI, Luigi. Olympionikai, i vincitori degli antichi agoni olimpici. *Atti dell'Accademia dei Lincei - Memorie*, Roma: Reale Accademia d'Italia, serie VIII, vol. 8, fasc. 2, 1957, p.55-198.
- MORGAN, Catherine A. Corinth, the Corinthian Gulf and Western Greece during the Eighth Century BC. *The Annual of British School at Athens*, London: British School at Athens, 83, 1988, p.313-338.
- PALAZZO, Silvia. "Ethne" e "poleis" lungo il primo tratto della "via Egnatia": la prospettiva di una fonte. IN: ANTONETTI, Claudia (a cura di). *Lo spazio ionico e la Grecia nord-occidentale. Territorio, società, istituzioni. Atti del Convegno Internazionale, Venezia, 7-9 gennaio 2010 (= Diabaseis 1)*. Pisa: Edizioni ETS, 2010, p.273-290.
- PALLOTTINO, Massimo. Considerazioni sul problema della funzione storica dell'Adriatico nell'Antichità. IN: *L'Adriatico tra Mediterraneo e penisola balcanica nell'Antichità (Lecce-Matera, 21-27 ottobre 1973)*, Taranto: Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia, 1983, p.11-21.
- PICCININI, Jessica. Antitetagmenoi. Sul monumento degli Apolloniati a Olimpia. *Saia. Annuario della Scuola archeologica italiana di Atene*, Padova: Aldo Eusilio editore, vol. LXXXIX, serie III, 11, tomo 1, 2011, p.237-250.
- PLASSART, André. Inscriptions de Delphes, la liste des Théorodoques. *Bulletin de correspondance hellénique*. Athènes, Paris: École française d'Athènes, De Boccard, volume 45, 1921, p.1-85.
- QUANTIN, François. Du même aux autres et de l'autre aux mêmes. Les Corinthiens sur les rives orientales de la mer Adriatique. *Pallas*, Toulouse: Service des publications de l'Université de Toulouse-Le Mirail, 89, 2012, p.247-274.
- SALMON, John B. *Wealthy Corinth. A History of the City to 338 BC*. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- SASSATELLI, Giuseppe. La funzione economica e produttiva: merci, scambi, artigianato. IN: BERTI, Fede, GUZZO, Pier Giovanni (a cura di). *Spina. Storia di una città tra Greci ed Etruschi*. Ferrara: Comitato Ferrara arte, 1993, p.179-217.
- SINATRA, Daniela. Dionisio e i Celti. *Kokalos*, Roma: Giorgio Bretschneider, XLII, 1996, p.373-381.
- SORDI, Marta. Dionigi I, dinasta d'Europa. *Contributi dell'Istituto di Storia Antica dell'Università del Sacro Cuore*, Milano: Vita e Pensiero, XII, 1986, p.84-90.

- TORELLI, Mario. Spina e la sua storia. IN: BERTI, Fede; GUZZO, Pier Giovanni (a cura di). *Spina. Storia di una città tra Greci ed Etruschi*. Ferrara: Comitato Ferrara arte, 1993, p.53-70.
- VAN COMPERNOLLE, Thierry. La colonisation rhodienne en Apulie: réalité historique ou légende? *Mélanges de l'École française de Rome*, Roma: École française de Rome, 97, I, 1985, p.35-45.
- VIAL, Claude. Lissos et Issa, d'après deux passages de Diodore de Sicile. *Cahiers d'Histoire. Lyon-Grenoble-Saint-Étienne-Chambéry*, Lyon: Centre historique du Centre-Est, tome XVII, 1972, p.66-67.
- VREKAJ, Bashkim. Le Nymphée d'Apollonia d'Illyrie. IN: LAMBOLEY, Jean-Luc; CASTIGLIONI, Maria Paola (éds.). *L'Illyrie Méridionale et l'Épire dans l'Antiquité. V. Actes du V^e Colloque international de Grenoble (8-11 octobre 2008)*. Grenoble: diff. De Boccard, 2011, p.199-207.
- WILL, Édouard. *Korinthiakà. Recherches sur l'histoire et la civilisation de Corinthe des origines aux guerres médiques*, Paris: De Boccard, 1955.
- WOODHEAD, Geoffrey. The 'Adriatic Empire' of Dionysius I of Syracuse. *Klio*, Berlin: Akad.-Verl München: Oldenbourg-Wiss.-Verl., Zeitschr.-Service, 52, 1970, p.503-512.
- ZAMBON, Efrem. I provvedimenti contro i pirati in età ellenistica. *La pirateria nell'Adriatico antico, Hesperia 19*, Roma: L'Erma di Bretschneider, 2004, p.145-172.

FIGURAS

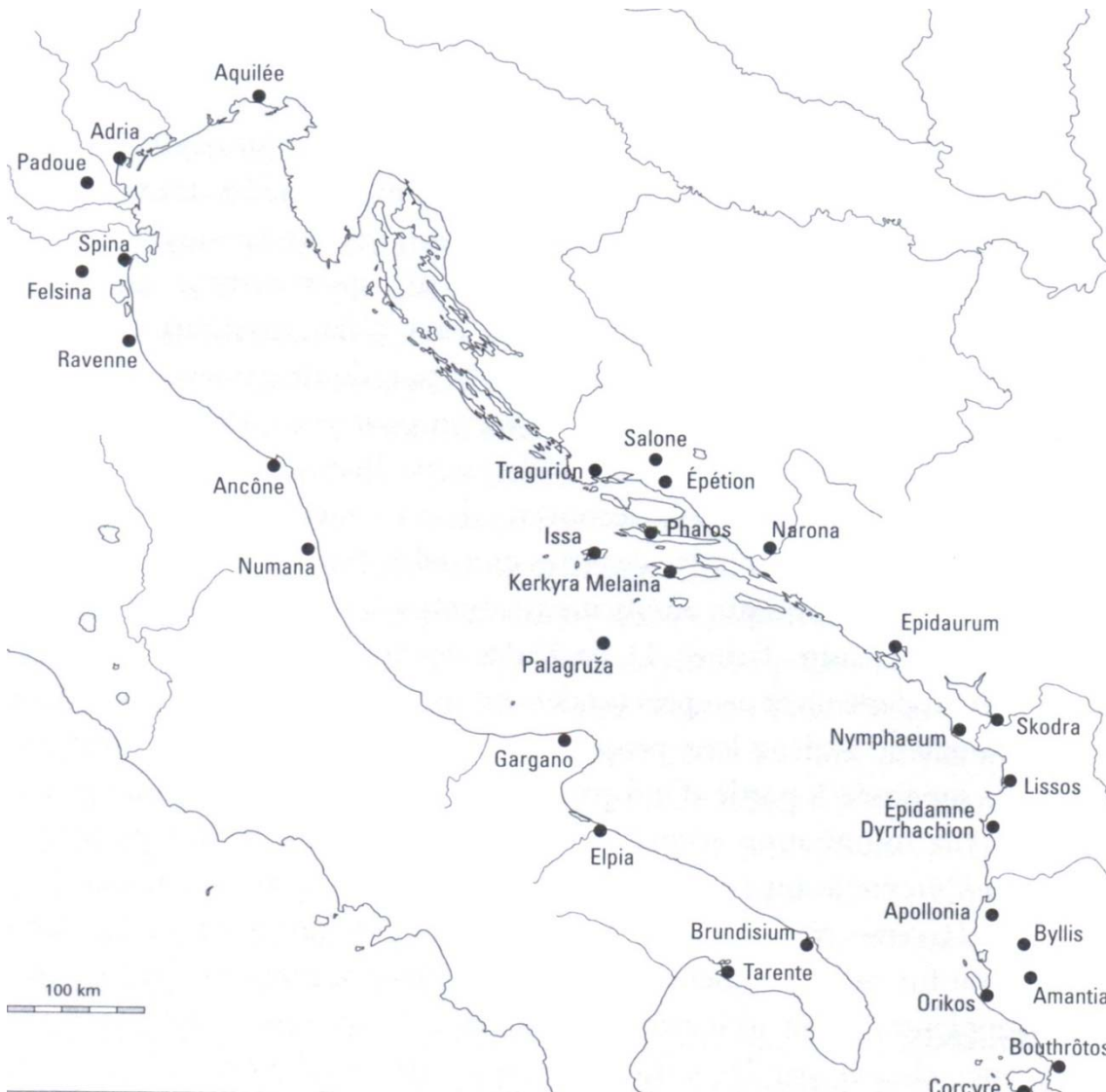


Figura 1: O Adriático Grego (Bouffier S., *Les diasporas grecques. Du détroit de Gibraltar à l'Indus*, Paris, Sedes, 2012).

Recebido em: 28/06/2017

Aprovado em: 01/11/2017

Publicado em: 24/06/2018

Submitted in: 28/06/2017

Approved in: 01/11/2017

Published in: 24/06/2018